

AS QUESTÕES DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: ENTRE A AÇÃO E O DISCURSO DOCENTE

Aline Edwiges dos Santos Viana¹, Anoel Fernandes², Vanessa Cristiane Ferreira³

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar o conhecimento e as intervenções dos professores de Educação Física da Rede Pública Estadual que atuam na região de Campinas/SP. Diante de um contexto que discute a amplitude das questões relacionadas aos conflitos de gênero nas aulas. Na coleta, utilizamos questionário com perguntas fechadas para que assim pudéssemos verificar as desigualdades, preconceitos e conflitos de gênero e as atitudes dos educadores/as diante das situações. Primeiramente, todos disseram conhecer o conceito de gênero, considerando-o pertinente para ser tratado nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Gênero- Educação Física Escolar- Prática docente

ABSTRACT

The present study had as objective to analyze the knowledge and interventions of the teachers of Physical Education of the State Net Public who act in the region of Campinas/SP. Ahead of a context that argues the Comprehensiveness of the questions related to conflicts of gender at classes. In the collection, we use questionnaire with closed questions, so that thus we could verify the inequalities, prejudices and conflicts of gender and the attitudes of teachers ahead of the situations. First, all had said to know the sort concept, considering it pertinent to be treated in the lessons of Physical Education.

Key-words: Gender, Physical Education School, practice teacher.

INTRODUÇÃO

Como se pode ver, o processo de socialização é iniciado desde os primeiros momentos de vida, assim entende-se que neste processo estamos condicionados a adquirir comportamentos, crenças e regras que são valorizados por diversos grupos e instituições. A família em primeira instância se identifica como o primeiro agente socializador, responsável pelas primeiras relações sociais, transmissões e pelos primeiros discursos, ocorrendo ali uma hereditariedade de valores. Surgindo um novo ser que de maneira certa ou errada mediante aos olhares sócio-culturais dará continuidade ao processo de socialização.

Para caracterizar este processo é essencial mencionarmos como homens e mulheres se comportam. Sendo que ambos recebem “instruções” distintas para as construções e padronizações dos sexos por intermédio da família, escola, sociedade, enfim, por todo meio social.

Corroborando com esta idéia Netto (2004, p.11) diz que:

A sociedade detém o modelo de comportamento adequado a cada grupo que forma o seu todo. Possui os aparatos apropriados para uniformizar os indivíduos dentro de seus grupos. Nesta organização, homens e mulheres são socializados e apresentam comportamentos diferenciados entre eles, cada um dentro de um padrão estabelecido e aceito.

Quando se afirma que a sociedade detém os modelos e que, condutas são predominâncias culturais, entendemos que a cultura determina o que é ser homem e o que é ser mulher. Todavia, os sujeitos na concepção de Louro (1997) reagem, respondem, recusam ou assumem as aprendizagens impostas.

Com relação às condutas e aprendizagens no ambiente familiar, Daolio (1995) ressalta que:

Sobre um menino, mesmo antes de nascer, já recai toda expectativa de altivez de um macho [...] Na porta do quarto da maternidade, os pais penduram uma chuteirinha e uma camisa da equipe de futebol para qual torcem. Pouco tempo depois, dão-lhe uma bola e estimulam-no aos primeiros chutes. Um pouco mais tarde, esse menino começa

a brincar na rua [...]. Em torno da menina, quando nasce, paira toda uma névoa de delicadeza e cuidados. Basta observar as formas diferenciais de carregar meninos e meninas, e as maneiras de os pais vestirem uns e outros. As meninas ganham de presente, em vez de bola, bonecas e utensílios de casa em miniatura. Além disso, são estimuladas o tempo todo a agir com delicadeza e bons modos, a não se sujar, não suar. Portanto, devem ficar em casa, a fim de ser preservadas das brincadeiras de menino e ajudar as mães nos trabalhos domésticos que lhes serão úteis futuramente quando se tornarem esposas e mães (p.102).

O que se percebe é que os influxos que os alunos/as obtiveram antes de inserirem na escola refletem amplamente no espaço escolar com discriminações e preconceitos. Desta forma, são identificados em sala de aula, na quadra ou no recreio por caracteres provindos do meio social. De fato reforçam-se ou desmistificam os preconceitos gerados e recordados no espaço escolar durante o segundo momento de socialização.

Precursora na formação social e educacional de meninos e meninas, a escola possui diversas finalidades: transmitir valores e formar cidadãos autônomos e críticos que saibam defender seus direitos submetendo aos deveres sociais. Assim, se faz verdadeira e válida a idéia de que os valores são repassados pelo convívio social entre alunos (as), professores (as), funcionários (as) e pais desta instituição.

Ancorada historicamente por fatores culturais e sociais, a escola tornou-se um centro produtivo das diferenças, distinções e desigualdades e se incumbiu de separar sujeitos, nas palavras de Louro (1997). A autora esclarece as inúmeras formas de constituição desses sujeitos por intermédio dos gestos, movimentos e sentimentos surgindo meninos e meninas, consequentemente as desigualdades entre eles.

Neste contexto, o desafio do cotidiano escolar não está na pluralidade de femininos e masculinos, mas como os sujeitos se identificam e constroem suas identidades de “gênero”, termo este, o qual abordaremos sucintamente nos próximos parágrafos ao adentrarmos a pesquisa com mais clareza averiguando sua significação pós-estruturalista.

Scott (1995) enriquece o mundo acadêmico analisando o conceito de gênero como uma categoria analítica, pois até então o termo era utilizado pelas feministas como um indicativo de rejeição ao determinismo biológico. Além disso, as discriminações advindas das diferenças sexuais e também a luta pela igualdade de direitos na sociedade estavam ligados as questões de gênero.

Diante de uma análise pós-estruturalistas diversas mudanças aconteceram e hoje a essência do conceito não se prende a fatores biológicos e muito menos nas diferenças sexuais, mas sim no cultural, isto é, gênero se consolidou nas construções culturais e nas representações expostas pelos corpos na sociedade, se designando a compreender as relações entre os sexos.

Jeffrey Weeks, citado por Silvana Goellner (2001) afirma que gênero é a condição social, pela qual somos identificados como homem ou como mulher pela sociedade. A autora chega ao consenso de que gênero é a construção social do sexo e o que diferencia homens e mulheres, não são apenas aspectos biológicos, mas sociais, históricos e culturais. Realçando, Sousa e Altmann (1999) afirmam que determinadas culturas elegem e estabelecem suas construções para o feminino e o masculino.

Embora, seja na escola o segundo momento de socialização e ao inserirem neste ambiente, crianças trazem consigo valores advindos de outros agentes. Como a Educação Física pode lidar com essas bagagens culturais? Qual a intervenção dos docentes? Em busca de respostas, propusemos analisar a Educação Física e as possíveis articulações, manifestações e relações com as questões de gênero ao longo da sua história, para que assim as concepções viessem ser apontadas na pesquisa com mais transparência.

Não temos por objetivo relatar minuciosamente a história da Educação Física Brasileira por meio de uma pesquisa bibliográfica perpassando as principais fases e abordagens, até mesmo porque, requer de nós uma análise mais profunda dos fatos ocorridos durante esse processo histórico.

Transpondo para 1920 Betti (1991), cita que a partir de meados da década de 30, a concepção dominante da Educação Física estava na perspectiva higienistas, sendo que o foco das preocupações eram os hábitos de higiene e saúde, valorizando o desenvolvimento físico e moral, dando aos médicos total domínio sobre a Educação Física.

Castellani Filho (1991) nos traz a memória que:

O envolvimento dos higienistas com a educação escolar se deu, portanto, dentro de um quadro de compreensão desta como sendo uma extensão da educação familiar. Tratava-se, na verdade, de mostrar que a nefasta ação dos pais na educação dos filhos, não se encerrava no ambiente familiar (p.45).

É preciso lembrar que o esporte moderno surgiu neste período como conteúdo da Educação Física Escolar; imbricado a essa questão gênero já se fazia presente, porém inexistente diante dos olhares que ali avistavam somente uma Mulher- frágil – dócil – delicada, cujo, consentimento corporal estava na dança e na ginástica. Em relação aos homens tudo era permitido, desde que o espelho social refletisse corpos fortes e viris. E, em hipótese alguma, as imagens e condutas de ambos os sexos poderiam ser contraditórias as expectativas culturais

Parece oportuno lembrar que durante o Estado Novo, Getulio Vargas sancionou a lei nº 3199, estabelecendo que as mulheres não poderiam praticar esportes incompatíveis com a sua natureza, tendo vigorado no país até 1979. (PEREIRA, 1984)

Neste contexto, passamos a compreender o objetivo da Educação Física no Estado Novo em preparar homens para trabalho no espaço público, incumbindo à mulher as obrigações domésticas, criando hierarquias entre os sexos, todavia sustentadas pelas diferenças biológicas. E na seqüência histórica, os modelos e objetivos militaristas estavam vinculados a formação de indivíduos fortes e destemidos, vistos como *perfeitos*, e logo eram excluídos os *imperfeitos*, já que fragilidade, fraqueza, entre outras condutas e características fugia dos padrões determinados.

A partir de 1970, meados da década de 80 começaram a surgir os ditos movimentos renovadores na Educação Física com novos questionamentos, conteúdos e propostas pedagógicas. De acordo com Darido (2003) atualmente existem varias concepções de Educação Física, todas elas tendo em comum à tentativa de romper com os modelos tradicionais da área. Todos os autores que se desdobraram na difícil tarefa de apresentar novas propostas para a Educação Física vêm sugerindo várias transformações de ordem didático-pedagógica. Contudo, é necessário que as propostas pedagógicas desencadeiem novas relações de gênero no âmbito escolar, rompendo com aspectos biológicos que entrelaçam sua história trazendo os aspectos culturais, ou seja, a cultura corporal como reflexão.

Como alegamos anteriormente o objetivo do estudo não está em descrever as principais fases da Educação Física no Brasil, mas atentarmos para o seu momento atual e os possíveis fatos que podem ou não ocorrer durante as aulas. Fatos que denominamos como: (preconceitos, discriminações e exclusões). No entanto, o foco principal está em verificar o conhecimento docente em relação às questões de gênero. O que sabem sobre o assunto? Como reagem diante da situação de conflito?

DESCRIÇÃO METODOLOGICA

A pesquisa estruturada neste artigo se caracteriza como empírica com abordagem qualitativa. Para o embasamento teórico percorremos estudos feministas pós estruturalista e outros estudos culturais, atentando para as questões de gênero e suas possíveis conectividades com a Educação Física. Tendo como referencial Louro, Scott, Daolio, entre outros autores que nos auxiliaram com suas obras acadêmicas a compreendermos diversas questões.

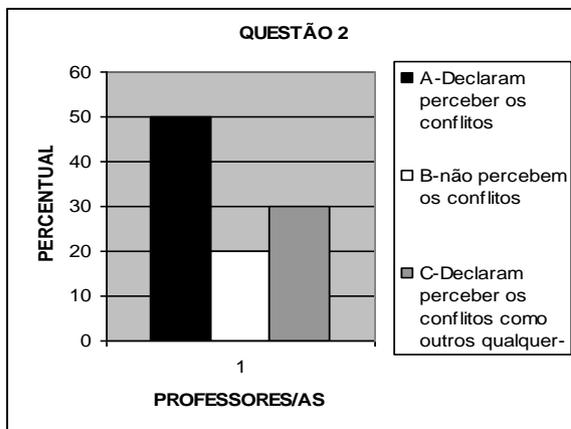
A pesquisa empírica foi realizada por meio de questionário com perguntas fechadas; aplicado para professores/as de Educação Física, da *Secretaria de Educação do Estado de São Paulo*. Em primeira instância, optamos por sujeitos que se efetivaram na Rede Pública no ultimo concurso realizado em Setembro de 2005, em que supostamente teriam total-parcial conhecimento das Abordagens Renovadoras da Educação Física, uma vez que essas rompem com as idéias tradicionais, dando ênfase aos princípios da inclusão nas aulas. Portanto, as questões de gênero se enquadram nesta perspectiva. Foram escolhidos (10) docentes, sendo (5) homens e (5) mulheres. Todos se mostraram motivados em participar da pesquisa. A escolha pela divisão dos sexos foi proposital, já que, qualquer contrariedade nas escolhas dos sujeitos, “cairíamos” em contradição com o que pensamos e acreditamos sobre gênero.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Percebe-se com emergência a necessidade de estarmos atento, para essas questões no papel de educadores/as no espaço escolar. É relevante que as desigualdades venham ser evidenciadas. O questionário foi constituído por quatro (4) questões, contendo cada uma (3) três alternativas. O procedimento de escolha das questões teve os seguintes critérios (conhecimento, percepção e intervenção docente), propusemos também analisar se durante as aulas acontece separação entre meninos e meninas.

Primeiramente, todos os professores disseram conhecer o conceito de gênero, considerando-o pertinente para ser tratado nas aulas de Educação Física.

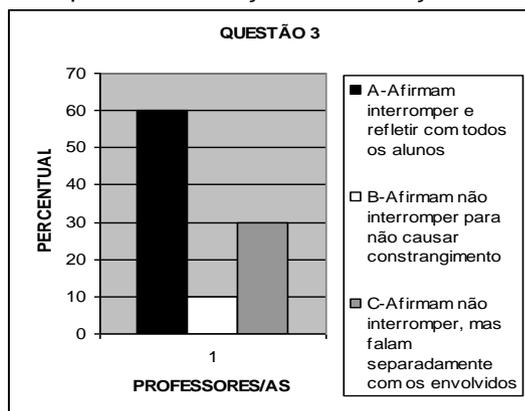
Gráfico 1 - Análise das respostas sobre a percepção dos conflitos de gênero.



Podemos perceber pela análise do gráfico que 50 % dos professores/as responderam que são nítidos os conflitos. Outros 30% afirmaram que os conflitos são perceptíveis, porém iguais aos demais. Noutras palavras, gênero está para raça, assim como classe, nacionalidade e etnia. Somente 20% declararam não perceber os conflitos de gênero nas aulas.

Dornelles (2006) afirma que as relações e os conflitos são possíveis apenas na interação entre homens e mulheres. Neste ponto há uma grande discrepância entre conhecer e perceber e entre dizer e praticar. Mas como não identificar os conflitos quando meninas não querem jogar futebol e meninos não desejam dançar? Ou quando meninas jogam bola e meninos dançam em aula e por essa opção são discriminados com “piadinhas e gozações” pelo grupo. Dito de outra maneira, tais situações se relacionam as questões de gênero?

Gráfico 2 - Análise das respostas em relação a intervenção docentes.

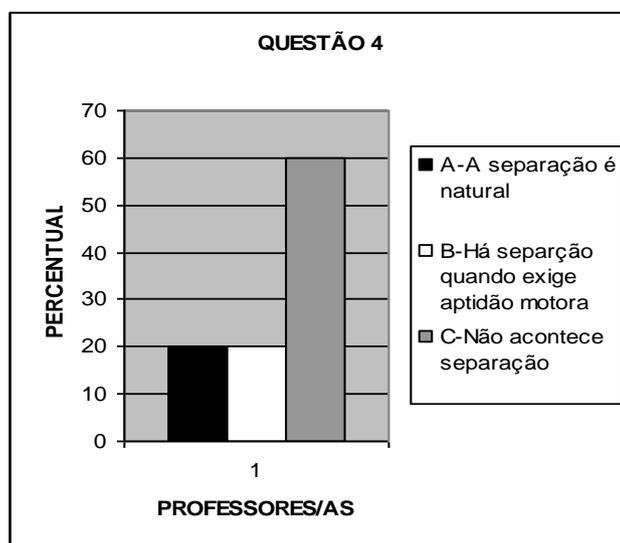


As atitudes dos docentes podem indicar se os preconceitos e discriminações de gênero poderão ou não se consolidar, surgir ou ocultar-se das aulas de Educação Física. Diante dos dados obtidos 60% responderam que quando acontece qualquer discriminação e preconceito relacionado ao tema; param imediatamente a atividade para discutir e refletir com os alunos o problema ocorrido. E de acordo com (OLIVEIRA, 1996, p.32) na escola, a criança recebe contribuições e influências muito significativas para a sua formação. O professor é uma figura de fundamental importância neste contexto, pois veicula idéias, percepções, conceitos e preconceitos adquiridos durante a sua vida.

Romero (1990) identifica o professor de Educação Física como um propulsor de mudanças, uma vez que ele reconheça a origem real das diferenças entre os sexos. A autora atenta-se para que educadores/as percebam que existem diferenças entre os sexos e diferenças dentro dos sexos.

De fato, é conveniente colocar a discussão, já que os preconceitos surgem por não discutir, compreender e identificar que entre pólos masculinos e femininos há raízes culturais, e que não estão somente enraizados pelo biológico. Dando continuidade na análise das respostas 30% disseram que não interrompem a aula, mas ao termino da atividade falam separadamente com os alunos envolvidos. Apenas 10% disseram não dá importância, pois poderiam causar constrangimento.

Gráfico 3 - Análise das respostas em relação a separação dos sexos nas aulas.



Perguntamos aos professores/as com que freqüência acontece separação entre os sexos durante as aulas? 60% disseram que não acontece separação entre os alunos/as, sendo que todas as atividades acontecem com turmas mistas. É importante lembrar que entre essas integrações corporais surgem contradição de identidades dos sujeitos, pois serão múltiplas as manifestações de masculino e feminino, fazendo com que nas aulas, dependendo do conteúdo os pólos se desconstruam produzindo atritos e conflitos. Outros 40% dos docentes se dividiram nas afirmações, alegaram que a separação ocorre quando a atividade exige um alto grau de aptidão motora, e que esse fato é freqüente, pois é natural.

Para além da afirmação é complexo compreender o “natural” no ponto de vista dos professores, mas, sobretudo, pressupomos que a “naturalidade” se reflete amplamente nas raízes biológicas e nos aspectos motores que perpassaram pela história da Educação Física afetando a sociedade. Assim, para alguns é “natural” que a hegemonia masculina jogue ou prefira o futebol e que sejam mais habilidosos fortes e rápidos, ou seja, está no DNA às possíveis condutas de ambos os sexos. E assim, por mais que se especializem, programem suas aulas com novos conteúdos, alguns professores ainda não conseguiram se libertar da dicotomia criada culturalmente para o pólo feminino e masculino, conseqüentemente sua prática pedagógica e atitudes nas aulas se limitam nos aspectos motores/biológicos atribuídos e aceitos socialmente para cada sexo. (CARDOSO, 1994)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comprova-se que a sociedade por intermédio dos agentes constrói culturalmente homens e mulheres, determinando valores e condutas distintas para cada sexo. De fato, compreendemos que a sociedade equivocadamente julga o que é certo e errado, assim os indivíduos que se desviam das condutas são considerados anormais por fugirem das normas e por resistirem às condições impostas. Apesar de sermos construídos por fatores biológicos e culturais, o biológico ainda permanece como argumento sólido, quando alguns justificam e compreendem as desigualdades entre homens e mulheres por este aspecto. Neste ponto, não se analisa as distinções de habilidades, condutas e gestos como um “produto” cultural, mas sim como uma célula do DNA que se evolui.

Não podemos esquecer que diversos olhares englobam o espaço escolar e seguem a observar as imagens produzidas pelos corpos, e muitas vezes elas são imperceptíveis e até mesmo perceptíveis, assim, nos faz repensar. Qual o reflexo que essas imagens trazem para as aulas de Educação Física?

Torna-se evidente o papel fundamental da escola, quando a mesma pode consolidar ou desmistificar o que nossos olhares percebem, enquanto nossos corpos produzem. E em muitos momentos das aulas de Educação Física meninas e meninos se expõem com gestos, falas e atitudes que foram gradativamente alicerçados e consolidados por outros agentes sociais.

Dessa forma, o ambiente escolar tornou-se um centro produtivo das diferenças, distinções e desigualdades entre os sexos. E assim, chegamos ao consenso que as dicotomias masculino/feminino, fraco/forte, hábil/ inábil entre outras que foram e são impregnadas no espaço escolar podem se desconstruir; quando os gêneros se relacionam, porém a desconstrução só é válida a partir do momento que educadores/as conheçam o conceito de “gênero” e reconheçam a necessidade de intervenção mediante aos conflitos e atritos.

Portanto, sugerimos mais publicações que possam respaldar os conceitos de gênero na Educação Física Escolar. Reconhecemos a necessidade emergencial do tema em ser tratado com mais clareza por acadêmicos e profissionais da área que durante as caminhadas percorrem caminhos, onde encontram varias formas de ser e viver o masculino e o feminino. Podemos dizer que nas quadras, salas ou corredores nossos olhares estarão sempre atentos para perceber e reconhecer as múltiplas formas de identidade dos sujeitos, ou seja, dos nossos alunos/as.

PROTOCOLOS UTILIZADOS (ANEXO)

TERMO DE LIVRE ESCLARECIDO E CONSENTIMENTO

As informações aqui contidas neste termo foram elaboradas por Aline Edwiges dos S. Viana (especialistas em Pedagogia do Esporte Escolar- UNICAMP); objetiva firmar um acordo por escrito, mediante o qual _____ concordam em responder um questionário, com a capacidade de livre arbítrio e sem qualquer coesão.

É garantida aos sujeitos da pesquisa total privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa sobre **As questões de gênero nas aulas de educação física: entre a ação e o discurso docente**, já que os dados aqui coletados serão utilizados somente com fins acadêmicos.

Eu _____ Estou de acordo com a realização desta pesquisa e desta forma autorizo a execução do trabalho proposto, bem como a utilização das respostas do questionário para fins acadêmicos.

Campinas, ____ de _____ de 2008.

ASSINATURA

1. **Em relação as questão de gênero durante sua formação profissional (inicial e/ou continuada) você:**
 - A) nunca leu sobre o assunto;
 - B) sim, li sobre o assunto e considero um tema pertinente que deve ser tratado na escola;
 - C) sim, li sobre o assunto, mas não considero relevante para ser tratado nas aulas, já que existem outros temas mais pertinente;

2. **Na sua prática pedagógica é perceptível os conflitos relacionados as questões gênero?**
 - A) sim, são nítidas as questões de conflitos em relação às questões de gênero;
 - B) não percebo problemas relacionados às questões de gênero;
 - C) é notável, mas considero problemas iguais aos demais.

3. **Quando acontece alguma discriminação ou preconceito com relação às questões de gênero nas suas aulas você:**
 - A) para a aula e aproveita o momento para discutir e refletir com os alunos;
 - B) não dá importância, para que este não venha à tona e possa ser constrangedor para os alunos envolvidos;
 - C) fala separadamente com os alunos envolvidos.

4. **Acontece separação entre os sexos nas suas aulas:**
 - A) acontece frequentemente, pois é natural a separação;
 - B) acontece somente em atividades que exigem um alto grau de aptidão motora;
 - C) não acontece separação, sendo que em todas as atividades acontecem com turmas mistas.

REFERÊNCIAS

- BETTI, M. **Educação Física e Sociedade**, São Paulo: Movimento, 1991.
- CARDOSO, F. O gênero e o movimento humano. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, V,15, n.3, p.265-268,1994.
- CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papyrus, 1991.
- DARIDO, S. C. **Educação física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- DAOLIO, J. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de se transformar meninas em 'antas'. In: ROMERO, E. (org.). **Corpo, mulher e sociedade**. São Paulo: Papyrus, 1995.p.99 -108.
- DORNELLES, P.G. Distintos destinos': problematizando as relações de gênero nas aulas separadas entre meninos e meninas na Educação Física escolar. Seminário fazendo gênero. In: Anais do VII Seminário Fazendo Gênero, Florianópolis, 2006.
- GOELLNER, S, V. Gênero, Educação Física e esportes. Do que falamos quando em gênero falamos? In: VOTRE, S. **Imaginário & representações sociais em educação física, esporte e lazer**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2001.
- LOURO, G, L. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.
- NETTO, N, S, P. A superação das construções de gênero no contexto da educação física escolar: algumas Reflexões. Curitiba PUCPR (monografia), 2004.
- OLIVEIRA, G, K. As aulas de educação física para turmas mistas ou separadas por sexo? Uma análise comparativa de aspectos motores e sociais. Campinas UNICAMP (mestrado), 1996.
- PEREIRA, L. Mulher e esporte: um estudo sobre a influência dos agentes socializares em atletas universitárias. São Paulo USP (mestrado), 1984.

ROMERO, E, estereótipos masculinos e femininos em professores de educação física. São Paulo USP (doutorado), 1990.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, V.20 n.2, p.71-99, 1995.

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais implicações na educação física escolar. **Cad. CEDES**, V.19, n. 48, p.52-68, 1999.

¹ Especialista em Pedagogia do Esporte Escolar-UNICAMP (área de pesquisa: Educação Física com ênfase em gênero)

² Mestrando em Educação - PUCSP

³ Graduanda em Educação Física - METROCAMP